

DESTAQUES

Este editorial interrompe a série temática a que nos habituámos pela ocorrência de acontecimentos que devem merecer destaque especial.

Um ponto positivo diz respeito à candidatura da SPHM, efectuada para a organização da 18.^a European Conference da European Society of Clinical Hemorheology and Microcirculation (ESCHM). No início de Julho decorreu em Pécs a 17.^a ESCHM, onde apresentei em nome da SPHM a proposta que, em sessão do órgão científico da ESCHM, foi acompanhada de outras três concorrentes oriundas de sociedades congêneres de outros países. Pois bem, ganhámos! Assim, em 2016 teremos em Lisboa a presença dos hemorreologistas básicos e clínicos, não só europeus mas, como é habitual, contará com a participação dos representantes de outros continentes. Era tempo da SPHM ser de novo anfitriã das sociedades científicas afins, e criar um espaço para a divulgação do conhecimento que tem sido adquirido e evidenciado nas extensões da Hemorreologia a outros capítulos da investigação de translação em medicina.

Pécs já organizou a ESCHM mas a logística de outrora remodelou-se, acompanhando os progressos de hospitalidade requintada e de qualidade que a Hungria nos oferece actualmente. Estão de parabéns! Um pormenor mas que faz toda a diferença para quem não está nos países limítrofes da Hungria, a ligação de Budapeste – Pécs, possui como alternativa à curva e

contra-curva, a auto-estrada. Quem diz que a auto-estrada é um desperdício?

Para além das “mordomias” com que a Sociedade de Hemorreologia Húngara nos presenteou, as sessões foram preenchidas com comunicações de trabalhos de extrema actualidade. Houve o momento especial da lição proferida pelo Professor Gerard Nash e intitulada “Cellular hemorheology: the importance of getting small cells to small gaps”, por ter sido galardoado com o prémio Fahraeus

Mas há que dar a triste noticia que se seguiu, poucos dias depois de terminar a conferência a 9 de Julho e que ninguém previu, que um dos seus membros o Professor Oguz Baskurt nunca mais estaria entre nós. No entanto, permanece na memória e no coração de todos que com ele privaram e deixou um legado excelente de artigos científicos publicados. Orguz Baskurt foi um cientista exemplar que recebeu e ajudou a formar várias gerações de cientistas no seu laboratório.

Voltando à SPHM, a partir de 2014 o Boletim passará de trimestral para semestral, como consequência do aparecimento de constrangimentos financeiro e de conteúdo. Quanto ao primeiro nem divagamos mas, pensando no conteúdo, a angariação de artigos reveste-se de grande dificuldade provocada por diversos motivos mas todos tendo como ponto crítico o famoso “impact factor”(IF). O valor do IF é determinante na vida curricular do cientista que continuamente está a ser

avaliado independentemente da sua idade. Esta circunstância é global, colocando o valor do IF como decisor na escolha que o cientista faz sobre a revista onde publica as suas descobertas. Certa ou errada, a existência do valor de IF a realidade é que continua a impor-se com o apoio das editoras. Há um sistema montado de contagem de citações de artigos, formando um mundo paralelo com o qual não há petição contra o IF que lhe resista. O BSPHM, como sabemos por natureza, não tem nem pode ter IF.

No entanto o BSHM está indexado na Entidade Reguladora para a Comunicação Social e aparece, por exemplo, no motor de busca do Google Scholar. A grande vantagem é ser um meio de comunicar com a sociedade civil. Esta é a principal razão que no momento actual o justifica. Temos que estar atentos às mudanças e agir de acordo.

E, para todos, os votos de bom trabalho.

Carlota Saldanha
Presidente da SPHM